

A SÍNCOPE DE VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS NA MESORREGIÃO DO NORDESTE PARAENSE

THE SYNCOPE OF NON-FINAL POST-STRESSED VOWELS IN THE NORTHEAST PARAENSE MESOREGION

Marilucia B. de Oliveira¹
Ana Paula Tavares Magno²
Jamille Cardoso e Cardoso³

RESUMO

A síncope de vogais postônicas não-finais reduz segmentos proparoxítonos em paroxítonos. Este estudo descreve e mapeia o fenômeno a partir dos dados dos projetos Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA) e Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA). Segue-se orientação da Geossociolinguística (RAZKY, 1998) e Geolinguística (CARDOSO, 2010). Utilizou-se o Questionário Semântico-Lexical (QSL) adaptado. Foram analisadas ocorrências em 7 localidades e 28 informantes, considerando seis variáveis, sendo três selecionadas pelo *GoldVarbX*: *diatópica*, *contexto fonológico* e *sexo*. Os resultados revelam que o município de Bragança e as comunidades América e Cacau, na microrregião Bragantina e Salgado, apresentaram maior favorecimento à aplicação do fenômeno.

Palavras-chaves: síncope, atlas geossociolinguístico quilombola do nordeste do Pará, atlas léxico sonoro do Pará, geossociolinguística.

ABSTRACT

The syncope of post-tonic non-final vowels reduces proparoxytone segments to paroxytone ones. This study describes and maps the phenomenon using data from the Atlas Geossociolinguístico

¹ Doutora em Linguística, com Pós-doutorado na Espanha. É docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) desde 1997. E-mail: oliveira.marilucia@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9728768970430501>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2069-6191>.

² Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação do Pará (Seduc). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7021033538780177>. E-mail: tavaresmagnoufpa@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9274-5979>.

³ Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). E-mail: jamillecardoso16@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0313914582587822>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1053-2720>.

Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA) and the Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA). It follows the guidelines of Geossociolinguistics (RAZKY, 1998) and Geolinguistics (CARDOSO, 2010). The adapted Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) was used. Occurrences were analyzed in 7 locations and 28 informants, considering six variables, three of which were selected by GoldVarbX: diatopic, phonological context, and gender. The results reveal that the municipality of Bragança and the communities of América and Cacau, in the Bragantina and Salgado microregions, showed greater favorability for the application of the phenomenon.

Keywords: syncope, atlas geossociolinguístico quilombola do nordeste do Pará, atlas léxico sonoro do Pará, geossociolinguistics.

Introdução

A variação linguística é uma característica intrínseca de todas as línguas, refletindo a diversidade e a evolução das línguas. No português brasileiro (PB), a síncope das vogais postônicas não-finais é um fenômeno que tem sido alvo de estudos dialetológicos e sociolinguísticos. Na Língua Portuguesa, os vocábulos proparoxítonos são menos produtivos, considerados pelas Gramáticas Históricas (Coutinho, 1976) as formas marcadas no léxico, ou seja, exceções. A redução das proparoxítonas em paroxítonas advém de um processo histórico que faz parte da evolução da língua.

Quednau (2002, p. 80) afirma que a supressão da vogal não-final das proparoxítonas ocorre desde o latim vulgar. Essa ocorrência sobre as vogais postônicas não-finais do PB acontece devido a uma tendência natural de transformar palavras proparoxítonas em paroxítonas, adequando-se ao padrão da língua e evitando as formas esdrúxulas. É notório que a síncope é recorrente no português falado no Brasil. Diversos estudos buscam investigar, descrever e explicar o fenômeno da síncope, a fim de confirmar, desmistificar ou complementar pressupostos acerca dessa variação. No entanto, apesar da ampla pesquisa sobre o fenômeno, poucos trabalhos contemplam dados de comunidades tradicionais. Nesse contexto, a relevância deste trabalho justifica-se pela carência de estudos sociolinguísticos e dialetais direcionados às comunidades quilombolas da região Norte do país, principalmente no que se refere a estudos de variação fonética que indiquem os contornos diatópicos e diastráticos de fenômenos linguísticos do português brasileiro, como é o caso da síncope de vogais postônicas não-finais ocorrida nos vocábulos proparoxítonos, a qual será mapeada em cartogramas piloto a partir dos fatores espaciais e sociais estabelecidos na metodologia desta investigação.

Este estudo tem o objetivo de descrever, interpretar e mapear a variação das vogais postônicas não-finais de proparoxítonas com base nos dados do Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)⁴ e do Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA)⁵, a pesquisa abrange sete localidades: cinco comunidades quilombolas e dois municípios, pertencentes, respectivamente, aos Atlas mencionados, totalizando sete pontos de inquérito e vinte e oito informantes. A análise é direcionada à realização, ou não, do fenômeno da síncope, a partir da análise dos fatores linguísticos (qualidade da vogal, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte) e extralinguísticos (localidade, sexo e faixa etária).

Na presente análise, foram utilizados os contextos proparoxítonos do questionário semântico-lexical baseado no Projeto ALiB-Norte⁶. Em termos externos, busca-se responder quais grupos de fatores (*diatópico*, *diassexual* e *diageracional*) exercem maior influência na realização variável das vogais postônicas não-finais nas comunidades quilombolas e nos municípios; no que tange aos fatores internos, deseja-se aferir qual a efeito de fatores de natureza linguística sobre o fenômeno.

⁴ Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA) é um atlas semântico-lexical que descreve e mapeia a diversidade linguística usada nas comunidades remanescentes de quilombos da Mesorregião Nordeste do Pará por meio de inventário lexical. O AGQUINPA resulta da elaboração da tese de doutoramento de Dias (2017). Este Atlas tem relação com a Universidade Federal do Pará e está vinculado ao grupo de pesquisa GeoLinTerm, acesso: <https://geolinterm.com.br>. Entre as publicações mais relevantes associadas ao Atlas, destacam-se: Mapeamento da palatalização de /l/ em comunidades quilombolas e O campo semântico corpo humano no Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará e no Atlas Linguístico do Pará.

⁵ O projeto Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA) busca descrever e documentar os fenômenos decorrentes da distribuição espacial e social das variantes lexicais do português no estado do Pará-Região Norte do Brasil, seguindo a orientação dialetológica, em não capitais. Este Atlas tem relação com a Universidade Federal do Pará e está vinculado ao grupo de pesquisa GeoLinTerm, acesso: <https://geolinterm.com.br>. Entre as publicações mais relevantes associadas ao Atlas, destacam-se: Variação Léxico-Semântica e agrupamento lexical do item cambalhota no Atlas Léxico-Sonoro do Pará (ALeSPA) e Variação lexical na Mesorregião sudeste do Pará: um olhar sobre os dados do Atlas Léxico Sonoro do Pará – ALeSPA.

⁶ O eixo Atlas Linguístico do Brasil – Regional Norte (ALiB-Norte) foi iniciado oficialmente em 2006, com sua coordenação regional sob a responsabilidade do GeoLinTerm desde 2002. Este subprojeto está diretamente ligado ao projeto ALiB, projeto de âmbito nacional que visa à construção do Atlas Linguístico Geral do Brasil, com base nos usos da língua portuguesa, acesso: <https://geolinterm.com.br>. Entre as publicações mais relevantes associadas ao Atlas, destacam-se: O que fazem amazonenses e paraenses com palavras esdrúxulas? e Distribuição Geo-sociolinguística de /l/ nos dados do ALiB-Norte.

Metodologia

Rede de pontos

De acordo com Cordeiro, Arbage e Schwartz (2017), o Nordeste Paraense é a mais antiga fronteira de colonização do estado do Pará, além de ser uma grande mesorregião biogeográfica, com especificidades socioculturais e ecológicas, com uma área de 83.316,02 km². Em 1987, como forma de facilitar estudos geostatísticos, o IBGE subdividiu os estados brasileiros em mesorregiões e microrregiões geográficas. Desse modo, o Pará ficou dividido em 6 mesorregiões: Baixo Amazonas Paraense, Marajó, Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudoeste Paraense e Sudeste Paraense.

Segundo o IBGE (2022), o estado do Pará tem a quarta maior população quilombola do Brasil. Dentro dessa unidade da federação estão grandes mesorregiões que foram determinadas a partir de uma perspectiva histórico socioespacial. A Mesorregião Nordeste do Estado do Pará apresenta alta densidade de comunidades quilombolas reconhecidas e tituladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto de Terras do Estado do Pará (ITERPA) ou Fundação Cultural Palmares (FCP).

A mesorregião Nordeste Paraense foi dividida em 5 microrregiões quais sejam: Bragantina, Cametá, Guamá⁷, Salgado e Tomé-Açu. Essas microrregiões contemplam 49 municípios, o equivalente a 6,68% da área total do estado. No *Quadro 1*, apresenta-se a lista de municípios e comunidades quilombolas que fazem parte da rede de pontos do AGQUINPA e que integram a Mesorregião Nordeste do Pará.

Quadro 1 - Informações sobre os pontos de inquérito da pesquisa

MICRORREGIÕES	MUNICÍPIOS	FUNDAÇÃO DOS MUNICÍPIOS	COMUNIDADES	DOCUMENTO DE CERTIFICAÇÃO DAS COMUNIDADES
Salgada	Colares	1961	Cacau	54100.000111/2005-30
Bragantina	Bragança	1613	América	01420.015899/2014-91
Cametá	Abaetetuba	1724	Rio Acaraqui-Campompema	01420.008228/2012-10
			África	

⁷ Este estudo não contempla a microrregião Guamá.

Tomé-Açu	Moju	1856	Laranjituba	01420.001550/2013-91
----------	------	------	-------------	----------------------

Fonte: produzido pelas autoras.

Como é possível observar, foram consideradas cinco comunidades; cada município selecionado possui somente um ponto de inquérito, à exceção de Moju, o qual possui dois pontos de inquérito (África e Laranjituba). Essas comunidades quilombolas que fazem parte do AGQUINPA localizam-se em áreas rurais dos municípios que compõem a Mesorregião Nordeste do Pará. Além das cinco comunidades quilombolas, dados de duas cidades foram analisados, na presente pesquisa; pertencem aos pontos de inquérito do ALeSPA, a saber: Abaetetuba e Bragança⁸, as quais também fazem parte da Mesorregião Nordeste do Pará, como pode ser observado no *Quadro 2*. Essas escolhas foram feitas para fins de comparação entre os resultados de comunidades quilombolas do Pará e municípios paraenses.

Quadro 2 - Pontos de inquérito por microrregiões e municípios da mesorregião nordeste do Pará

MICRORREGIÕES	MUNICÍPIOS
Bragantina	Bragança
Cametá	Abaetetuba

Fonte: produzido pelas autoras.

A escolha dos municípios de Abaetetuba e Bragança foi motivada pelo fator geográfico, já que algumas comunidades quilombolas estão localizadas nesses municípios, o que possibilita realizar comparativos entre os usos das comunidades referidas com o desses municípios.

Perfil dos informantes

Os informantes foram selecionados de acordo com critérios determinados. Assim, os indivíduos deveriam ser nativos de sua comunidade ou municípios, e seus pais também precisariam ser nascidos e criados na localidade. Também não deveriam ter se afastado dela por um período superior a três anos. Além disso, foram considerados idade e sexo⁹.

⁸ O ALeSPA não abrange os outros municípios em que se localizam as comunidades pesquisadas, por isso, foram usados somente os municípios de Bragança e Abaetetuba.

⁹ O fator escolaridade não foi considerado nesta pesquisa, devido à ausência de informantes nas comunidades e nos municípios que tivessem escolaridade equivalente ao Ensino Médio.

O detalhamento está exibido no *Quadro 3*.

Quadro 3 – Estratificação de acordo com o sexo e a faixa etária dos informantes

INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA	SEXO
1	18 a 30 anos	Masculino
2	18 a 30 anos	Feminino
3	50 a 65 anos	Masculino
4	50 a 65 anos	Feminino

Fonte: produzido pelas autoras.

Assim, o número total de informantes foi de vinte e oito, distribuídos equitativamente, ou seja, quatro em cada localidade, classificados por faixa etária/geração (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), contemplando o sexo/gênero (masculino e feminino).

Coleta de dados

Foram avaliados dados sonoros do AGQUINPA e ALESPA, os quais foram coletados por meio do questionário semântico lexical adaptado, que teve como base o QSL-ALiB. Nesses dois atlas linguísticos, foram feitas adaptações, incluindo perguntas que abordam as particularidades das localidades investigadas. É importante ressaltar que, por serem baseados no questionário do ALiB, as mesmas perguntas que tinham como possibilidade de respostas os itens lexicais de interesse para este estudo foram aplicadas tanto nas comunidades quilombolas quanto nos municípios; possibilitando, dessa forma, comparação entre ambos. Dentre os itens que constituem o Questionário Semântico-Lexical do AGQUINPA e ALESPA, apenas quatorze integram a amostra desta investigação, sendo eles: *córrego*, *relâmpago*, *úmida*, *crepúsculo*, *úbere*, *libélula*, *pálpebras*, *clavícula*, *útero*, *rótula*, *cócegas*, *bêbado*, *semáforo* e *ônibus*.

Tratamento dos dados

Primeiramente, realizou-se a escuta dos arquivos sonoros (entrevistas), os quais foram recortados em várias faixas de áudio por meio do *Software Cool Edit Pro 2.1*. Em seguida, os dados recortados foram transcritos foneticamente e armazenados no programa *Microsoft Word*. As variantes foram estatisticamente tratadas de forma binária¹⁰, estabelecendo-se o contraponto entre a manutenção¹¹ e a síncope da vogal postônica não-

¹⁰ A análise binária refere-se a um método que classifica variáveis linguísticas em apenas duas categorias distintas. Esse método permite ao pesquisador analisar e identificar o uso linguístico de um determinado grupo ou comparar diferenças entre grupos sociais.

¹¹ A manutenção é entendida, neste estudo, como o não apagamento da vogal postônica não-final.

final, as quais constituem as variáveis dependentes. Os dados foram contabilizados estatisticamente de acordo com as variáveis independentes, isto é, os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam influenciar a realização variável das vogais postônicas não-finais. Esses grupos de fatores podem ser observados no *Quadro 4*.

Quadro 4 - Grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos avaliados

GRUPO DE FATORES LINGUÍSTICO	GRUPO DE FATORES EXTRALINGUÍSTICO
Qualidade da vogal ¹² postônica não final	Localidade
Contexto fonológico precedente	Sexo
Contexto fonológico seguinte	Faixa etária

Fonte: produzido pelas autoras.

Para cada fator estabelecido foi atribuído um código, elencado em um arquivo de especificação. Em seguida, deu-se início ao processo de codificação dos dados, organizados em um arquivo de codificação. O arquivo de especificação e o de codificação foram produzidos e armazenados em um texto no formato (.txt). Após a realização desses procedimentos, o arquivo de codificação foi quantificado no *Software GoldVarbX*, que gerou resultados percentuais, relacionados às frequências de uso, bem como resultados probabilísticos referentes aos pesos relativos¹³ das variáveis estabelecidas. Por fim, os resultados estatísticos foram organizados em tabelas e gráficos para análise. Além disso, cartas linguísticas foram elaboradas tendo como referência a Base Cartográfica de dados do Ministério do Meio Ambiente (MMA), por meio do *Software QGIS 3*. A finalidade da elaboração das cartas linguísticas é demonstrar a distribuição da síncope nas comunidades quilombolas e nos municípios analisados.

Apresentação e discussão dos resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos pelo *GoldVarbX*, relativos aos grupos de fatores considerados para a presente análise. Foram instituídos seis grupos de fatores, sendo três internos (qualidade da vogal postônica não final, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte) e três externos (localidade, sexo e

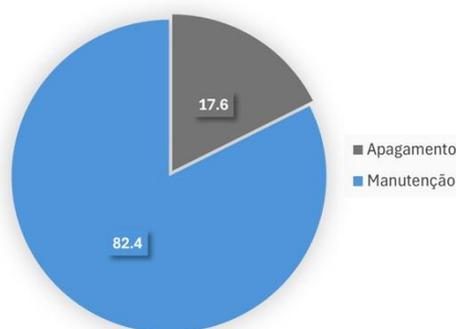
¹² Vogais: [a], [e], [i], [o], [u].

¹³ No peso relativo, um ponto neutro (0,50) determina o favorecimento e o desfavorecimento do fenômeno. Acima dessa margem, há um favorecimento da probabilidade de ocorrência do fenômeno, enquanto abaixo, há um desfavorecimento.

faixa etária). Dos referidos grupos de fatores, a análise estatística realizada pelo *GoldVarbX* selecionou três variáveis como sendo relevantes para a realização do fenômeno, que foram, por ordem de seleção: a variável diatópica, a variável contexto fonológico precedente e a variável sexo¹⁴.

Os resultados estatísticos serão apresentados por meio de frequências de uso das variantes identificadas (síncope e manutenção das vogais postônicas não-finais), bem como por meio de pesos relativos; estes servirão de base para a análise dos resultados obtidos nesta pesquisa. O *Gráfico 1* apresenta a frequência geral de aplicação das variantes analisadas (síncope e manutenção).

Gráfico 1 - Uso variável da síncope e manutenção da vogal postônica não final das proparoxítonas



Fonte: produzido pelas autoras.

Como se pode ser observado no *Gráfico 01*, a manutenção da vogal postônica não-final apresentou maior frequência, correspondendo a 82,4% do total de ocorrências, ou seja, 108 dados em que não houve síncope da vogal postônica não-final. Em contraste, a síncope apresentou uma incidência de 17,6%, equivalente a 23 dados, dessa forma, totalizando 131 dados analisados. Observa-se, portanto, que o fenômeno tem baixa ocorrência na Mesorregião Nordeste do Pará. No entanto, apesar da frequência reduzida, a síncope das vogais postônicas não-finais ainda persiste nos pontos de inquérito investigados.

Desse modo, torna-se relevante analisar o comportamento dessa variação, mesmo diante de baixa aplicação da regra. Em consonância com Guy (2007), se há variação

¹⁴ A eliminação das variáveis se dá por meio de escala decrescente de relevância quanto à realização do fenômeno, isto é, dos mais para o menos importante. Para este estudo a ordem de eliminação foi: qualidade da vogal, contexto fonológico seguinte e faixa etária.

linguística em determinada localidade, é indispensável a investigação. Abaixo, no *Quadro 5*, são listados, de acordo com as localidades, o número de recorrências dos itens lexicais considerados nesta pesquisa.

Quadro 5- Ocorrência dos itens lexicais por ponto de inquérito

RECORRÊNCIA DOS ITENS LEXICAIS NAS LOCALIDADES INVESTIGADAS								
ITENS LEXICAIS	COMUNIDADES QUILOMBOLAS					MUNICÍPIOS		Total
	Acaraqui	Cacau	América	África	Laranjituba	Abaetetuba	Bragança	
Córrego	-----	-----	-----	-----	1	-----	-----	1
Relâmpago	4	3	3	4	4	4	3	25
Umida	3	2	2	2	3	-----	1	13
Crepúsculo	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	0
Úbere	-----	-----	-----	-----	-----	-----	1	1
Libélula	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	0
Pálpebras	1	-----	1	1	-----	-----	-----	3
Clavícula	1	2	3	2	1	2	1	12
Útero	1	1	2	1	3	-----	3	11
Rótula	-----	4	1	2	1	3	-----	11
Cócegas	4	4	3	4	4	2	3	24
Bêbado	1	1	1	1	1	-----	-----	5
Semáforo	2	-----	2	1	2	-----	-----	7
Ônibus	4	4	3	4	3	-----	-----	18

Fonte: produzido pelas autoras.

Nota-se, a partir dessa distribuição, que alguns itens ocorreram em todas as localidades, enquanto outros não obtiveram nenhuma ocorrência. Os itens "córrego" e "úbere" registraram apenas uma ocorrência, o que pode ser justificado pelo fato de os informantes, especialmente no estado do Pará, utilizarem termos como "igarapé", "olho d'água" para se referirem a um rio pequeno, com cerca de dois metros de largura, e "teta" ou "peito" para se referirem à parte da vaca onde fica o leite. Observa-se, portanto, que houve itens lexicais que não tiveram nenhuma ocorrência nas localidades, como "crepúsculo" e "libélula".

Normalmente, esses itens lexicais recebem respostas não esperadas¹⁵, assim como ocorreu com "córrego" e "úbere". No caso de "crepúsculo", os informantes não sabiam responder, enquanto para "libélula", mencionaram variações mais utilizadas no estado do Pará, como "jacinta" ou "lava-cu". Por outro lado, alguns itens obtiveram ocorrência em todas as localidades, como "relâmpago", "clavícula" e "cócegas", palavras comuns, muito usadas na língua portuguesa. Dessa forma, algumas respostas esperadas são mais

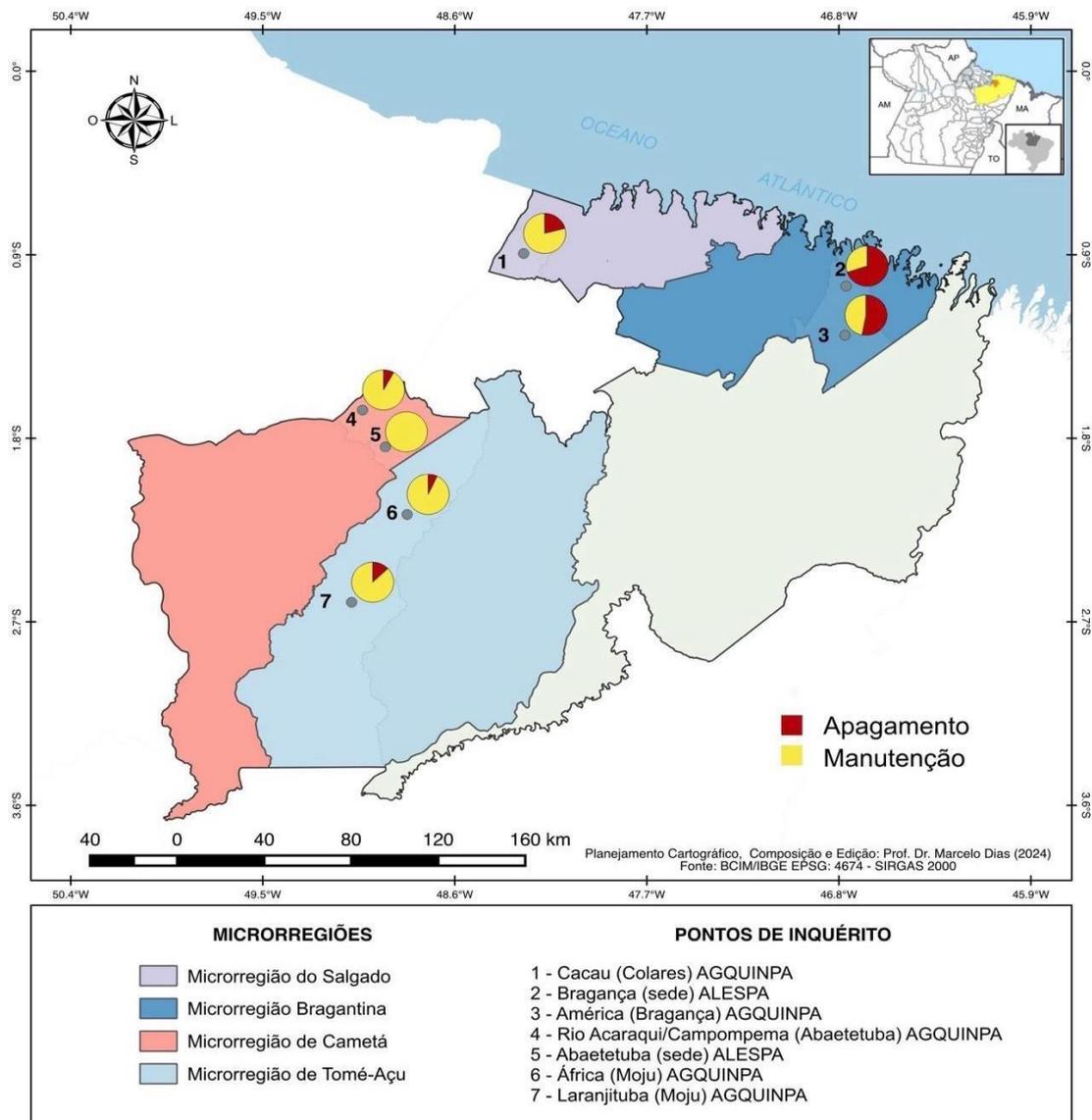
¹⁵ Este termo é utilizado quando o colaborador não responde à pergunta conforme o esperado pelo pesquisador.

recorrentes do que outras em determinadas localidades, o que pode influenciar os resultados estatísticos apresentados; todavia, cabe ressaltar que a análise variável, com base na concepção de pesos relativos, corrige eventuais problemas como esse. A seguir, serão apresentados os grupos de fatores selecionados por ordem de significância, de acordo com o *GoldVarbX*, a saber: variável diatópica, variável contexto fonológico precedente e variável sexo.

Variável diatópica

Esse fator externo foi o primeiro a ser selecionado pelo *GoldVarbX*. Os resultados estatísticos apresentam diferença quanto ao uso do fenômeno nas sete localidades avaliadas, sendo cinco comunidades tradicionais e duas não tradicionais. A seguir, na *Figura 01*, apresentam-se a distribuição da síncope e da manutenção das vogais postônicas não-finais nas localidades estudadas. A distribuição na carta diatópica mostra que, em algumas localidades, a síncope apresentou frequência bastante alta, ao passo que, em outras, apresentou uma frequência um tanto baixa. Como se poderá observar, a frequência da síncope das vogais postônicas não-finais foi bastante variada.

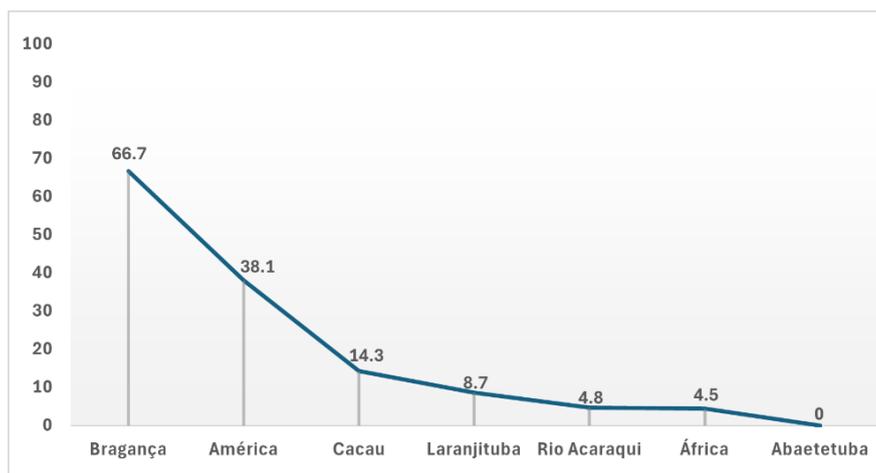
Figura 1 – Distribuição diatópica da síncope das vogais postônicas não-finais na mesorregião do Nordeste do Pará



Fonte: IBGE (2010) e Dias (2017). Adaptado pelas autoras.

Nas localidades situadas mais ao norte da Mesorregião Nordeste do Pará a síncope se mostra mais produtiva, sobretudo, no município de Bragança, na Comunidade América e na Comunidade Cacau, localizadas na microrregião Bragantina e na microrregião do Salgado, respectivamente. Em contrapartida, nos demais pontos de inquérito, as ocorrências do fenômeno se distribuem de forma mais sutil, conforme ilustrado no *Gráfico 2*, que, assim como a carta linguística, é baseado na frequência geral das ocorrências do fenômeno.

Gráfico 2 – Frequência geral da síncope das vogais postônicas não-finais nas localidades.



Fonte: produzido pelas autoras.

Para melhor compreensão da distribuição das ocorrências do fenômeno em estudo, observa-se, no *Gráfico 2*, em ordem decrescente, que o município e as comunidades quilombolas com maior frequência de uso estão predominantemente situados na parte ao norte da mesorregião. Esses pontos de inquérito correspondem especificamente à microrregião Bragantina e à microrregião do Salgado. A partir desses resultados, pode-se inferir que os pontos mais próximos à região Nordeste apresentam mais favorecimento de aplicação da regra. Cabe lembrar que muitos estudos sobre o tema referem o Nordeste brasileiro como uma área bastante produtiva do fenômeno, como evidenciam Oliveira e Sá (2018), Silva Filho (2010) e Silva (2006).

No sentido de refinar a análise, será analisado o comportamento da síncope das vogais postônicas não-finais nas comunidades tradicionais (quilombolas), seguida pela análise nas não tradicionais (sede dos municípios). Por fim, será feita uma comparação entre os resultados das comunidades quilombolas e das sedes dos municípios.

Comunidades Quilombolas

A *Tabela 1* exhibe resultados referentes às cinco comunidades tradicionais, distribuídas por quatro microrregiões (Bragantina, Salgado, Tomé-Açu e Cameté), todas situadas na mesorregião do Nordeste do Pará. Os índices mais elevados estão destacados em negrito.

Tabela 1 - Ocorrência de síncope por Comunidades Tradicionais

MICRORREGIÕES	COMUNIDADES	APLICAÇÃO/ TOTAL	PR	%
Bragantina	América	8/21	0,83	38,1
Salgado	Cacau	3/21	0,58	14,3
Tomé-Açu	Laranjituba	2/23	0,33	8,7
	África	1/22	0,21	4,5
Cametá	Rio Acaraqui- Campompema	1/21	0,18	4,8

Fonte: produzido pelas autoras.

Os resultados estatísticos mostram uma disparidade entre os resultados das comunidades quilombolas analisadas nas diferentes microrregiões; apenas duas comunidades favoreceram¹⁶ a aplicação da regra. A comunidade América, situada na microrregião Bragantina, destaca-se com um peso relativo bem elevado de 0,83, o que indica uma alta probabilidade de aplicação do fenômeno de síncope das vogais postônicas não-finais. A comunidade Cacau, localizada na microrregião Salgada, apresentou um peso relativo igual a 0,58, indicando uma menor probabilidade de aplicação da regra fonológica em relação à comunidade América, mas favorecendo-a de forma relevante.

Em contrapartida, apresentando os menores valores de peso relativo e frequência, desfavorecendo a realização do fenômeno, estão a comunidade Laranjituba, que apresentou peso relativo igual a 0,33, e as comunidades África e Rio Acaraqui que exibem pesos relativos de 0,21 e 0,18, respectivamente. As comunidades África e Rio Acaraqui mostraram índices de aplicação extremamente baixos, apresentando apenas uma ocorrência do fenômeno cada uma. Esses resultados sugerem que, enquanto a síncope é altamente favorecida em algumas comunidades tradicionais, como América e Cacau, apresenta desfavorecimento significativo na aplicação do fenômeno nas demais comunidades quilombolas. Portanto, a análise desses resultados permite concluir que a síncope de vogais postônicas não-finais possui uma distribuição heterogênea nas comunidades quilombolas estudadas.

¹⁶ Numa análise binária, um fator é favorecido quando recebe PR acima de .50.

Abaetetuba e Bragança

A Tabela 2 elenca dois municípios localizados em microrregiões: Bragantina e Cametá, ambas pertencentes à mesorregião do Nordeste do Pará.

Tabela 2 - Ocorrência da síncope por localidades não tradicionais

MICRORREGIÕES	MUNICÍPIO	APLICAÇÃO/TOTAL	PR	%
Bragantina	Bragança	8/12	0,94	66,7
Cametá	Abaetetuba	0/11	-----	0

Fonte: produzido pelas autoras.

Os resultados indicam uma discrepância significativa entre os municípios de Bragança e de Abaetetuba. As estatísticas revelam que Bragança foi a única localidade que favoreceu a aplicação da regra, apresentando um peso relativo correspondente a 0,94, ou seja, bastante significativo. Segundo Magno (2020), no Pará, os municípios com os mais altos índices de realização do fenômeno são aqueles com forte presença nordestina, como Bragança, no Nordeste Paraense. Em contrapartida, Abaetetuba desfavoreceu completamente a aplicação do fenômeno, sendo o único ponto de inquérito que não registrou nenhuma ocorrência de síncope.

Comunidades tradicionais *versus* não tradicionais

Ao comparar os resultados entre as comunidades tradicionais e não tradicionais, observou-se um resultado inesperado. Inicialmente, a hipótese era de que o fenômeno da síncope teria maior ocorrência em áreas não urbanas, especificamente nas comunidades quilombolas. Contudo, os resultados evidenciaram uma alta probabilidade da síncope das vogais postônicas não-finais na cidade de Bragança que alcançou um peso relativo significativo de 0,94. A comunidade quilombola América apresentou um peso relativo de 0,83, aproximando-se dos índices de Bragança. É importante reiterar que ambas as localidades estão situadas na Microrregião Bragantina. Assim, temos dados para afirmar que o fator diatópico exerce força sobre o fenômeno, mas a oposição não se daria entre urbano *versus* rural, ou comunidades tradicionais *versus* não tradicionais, isto é, trata-se da atuação da microrregião sobre o fenômeno, sobretudo a microrregião Bragantina, uma vez que as localidades com os índices mais elevados da síncope situam-se nesta microrregião. Também é preciso dizer que é na cidade mais antiga, entre as aqui

investigadas, que o fenômeno é mais produtivo, a fundação de Bragança data de 1613, data anterior à fundação da capital do Pará, Belém.

Os resultados encontrados por Araújo e Lopes (2013) corroboram essa análise, destacando o município de Bragança como o principal favorecedor do fenômeno da síncope. Os autores atribuem esse alto favorecimento ao fato de Bragança não constar na lista das cidades mais desenvolvidas, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), conforme o *ranking* do Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil. Segundo Araújo e Lopes (2014), esse fator pode influenciar significativamente os padrões linguísticos locais. Dentro da microrregião bragantina, tanto Bragança quanto a comunidade América apresentam alta propensão ao fenômeno. Entretanto, ao analisar separadamente, observa-se que a síncope das vogais postônicas não-finais ocorre com maior frequência no conjunto das localidades não tradicionais em comparação às tradicionais.

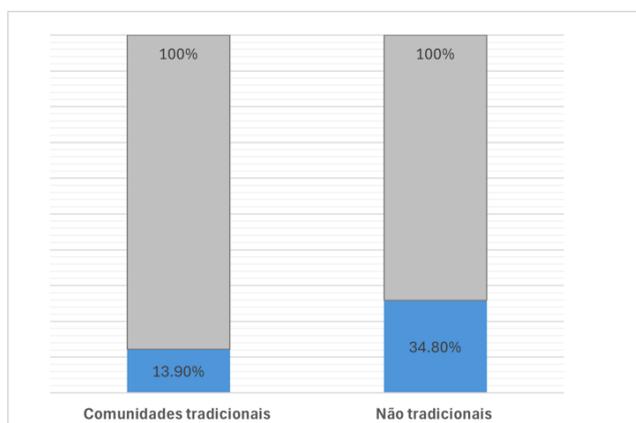
Por outro lado, os resultados referentes ao município de Abaetetuba indicam um comportamento oposto, funcionando como um inibidor significativo da regra fonológica, com preservação total das vogais postônicas não-finais, contrastando com a tendência observada em Bragança. Araújo e Lopes (2014) também identificaram Abaetetuba como um dos inibidores da regra, apresentando um dos pesos relativos mais baixos. Nesta pesquisa, a comunidade tradicional Rio Acaraqui, localizada no município de Abaetetuba e situada na microrregião de Cametá, registrou o menor valor de peso relativo, com apenas uma do fenômeno aproximando-se aos índices de Abaetetuba, o qual foi o único ponto de inquérito que não apresentou nenhuma ocorrência de síncope das vogais postônicas não-finais.

Devido a limitações metodológicas, não foi possível analisar os dados dos municípios de Moju e Colares referentes às comunidades Laranjituba e África, Cacau, respectivamente, o que impediu uma comparação mais completa entre comunidades tradicionais e não tradicionais. Portanto, a comparação considerou apenas Bragança e América (microrregião Bragantina), Abaetetuba e Rio Acaraqui (microrregião Cametá).

Para uma comparação mais refinada, foi realizada uma rodada de dados adicional para obter os resultados estatísticos das comunidades quilombolas e municípios. Isso permitiu observar, de modo geral, o comportamento da síncope das vogais postônicas não-finais nas comunidades tradicionais e não tradicionais. Ao segmentar as comunidades quilombolas e os municípios em categorias distintas, foi possível analisar de forma mais

direta e específica como o fenômeno da síncope se manifesta em cada grupo. As diferenças entre eles serão apresentadas no *Gráfico 3*.

Gráfico 3 – Frequência de síncope das vogais postônicas não-finais nas comunidades tradicionais e não tradicionais



Fonte: produzido pelas autoras.

Os resultados referentes à comparação entre as comunidades quilombolas e os municípios mostram que a ocorrência do fenômeno é mais frequente nas comunidades não tradicionais, com uma porcentagem de 34,8%, em comparação aos 13,9% nas comunidades tradicionais. Isso corrobora nossas hipóteses conclusivas a respeito do efeito da microrregião Bragantina sobre o fenômeno. Dito isso, é preciso levar em conta a data de recolha dos dados usados neste estudo. Os dados para o ALESPA foram coletados no final da década de 90 e ao longo dos anos 2000. Já os dados do AGQUINPA foram coletados a partir de 2014, o que pode ter tido algum impacto no uso da síncope.

Esse resultado da porcentagem nas comunidades não tradicionais refere-se especificamente ao município de Bragança, pois em Abaetetuba não houve registro do fenômeno da síncope. No início da seção “Apresentação e discussão dos resultados”, o *Quadro 5* ilustrou o número de ocorrências dos itens lexicais em cada ponto de inquérito. É importante ressaltar que os itens identificados em Bragança foram os mais comuns nos demais pontos de inquérito, com exceção da única ocorrência do vocábulo “úbere”. Portanto, pode ser que a influência do favorecimento da regra fonológica esteja mais relacionada a fatores de ordem sociais do que linguística. No mais, entendemos que a síncope, nas comunidades tradicionais ou não, é uma regra que deve continuar a sofrer

diminuição por causa da presença da escola, que normatiza o uso em favor da manutenção da estrutura proparoxítona.

Além disso, é necessário considerar a universalização do acesso à internet e às redes sociais, que têm ampliado o contato com a variedade padrão do PB. Com a crescente conectividade, as comunidades têm acesso a conteúdos digitais que promovem a variedade padrão da língua, influenciando o uso linguístico local. Estudos indicam que a exposição a essas variedades padrão, principalmente por meio de plataformas digitais e mídias sociais, pode contribuir para mudanças nas práticas linguísticas e na percepção dos falantes sobre suas variedades regionais. Conforme afirmam Scaramal e Kraemer (2011), a língua varia de acordo com a região, os falantes e o canal utilizado — seja celular, internet ou telefone.

Variável contexto fonológico precedente

O contexto fonológico precedente foi a segunda variável a ser selecionada pelo *GoldVarbX*. Os índices estatísticos referentes aos fatores desse grupo estão exibidos na *Tabela 3*:

Tabela 3- Contexto fonológico precedente

CONTEXTO ANTERIOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PR	%	EXEMPLOS
/f/	3/7	0,90	42,9	Semáforo → [se'mafro]
/s/	8/24	0,71	33,3	Có <u>ç</u> ega → ['kɔska]
/p/	6/28	<u>0,51</u>	21,4	Relâmp <u>g</u> o → [he'lãpo] ¹⁷
/t/	4/22	0,35	18,2	Ú <u>t</u> ero → ['utro]
/b/	1/6	0,31	16,7	Ú <u>b</u> ere → ['ubɾi]
/k/	1/12	0,15	8,3	Claví <u>c</u> ula → [ka'vikla]

Fonte: produzido pelas autoras.

Os resultados mostram que, em termos de peso relativo, a consoante labiodental surda /f/ apresentou o mais alto peso relativo, igual a 0,90; seguida da consoante alveolar surda /s/, com peso relativo de 0,71. A consoante bilabial surda /p/ foi a que mais se aproximou do ponto neutro, com um peso relativo igual a 0,51. Portanto, com base nos

¹⁷ Neste caso isolado como do vocábulo [he'lãpo] ocorre redução da estrutura proparoxítona. A redução consiste na supressão de um ou mais segmentos fonéticos no interior do vocábulo, culmina quase sempre na alteração da estrutura proparoxítona para a paroxítona.

resultados dispostos na *Tabela 3*, observa-se que a síncope das vogais postônicas não-finais foi mais recorrente em ambientes fonológicos onde estava precedida da consoante labiodental /f/, seguida pela alveolar /s/ e a bilabial /p/. Estas primeiras, labiodental e fricativa alveolar, favoreceram a aplicação da regra; apresentaram alta probabilidade de aplicação. A consoante bilabial exibiu uma probabilidade de aplicação mais sutil em comparação com os outros contextos favorecedores.

Abaixo do ponto neutro encontra-se a consoante alveolar surda /t/, cujo peso relativo foi de 0,35, seguida pela consoante bilabial sonora /b/, com 0,31, e pela consoante velar surda /k/, esta última demonstrando ser a que mais desfavoreceu a regra fonológica, com o peso relativo de 0,15. Esses resultados sugerem que a presença de consoantes fricativas em contexto fonológico precedente à vogal postônica não-final pode exercer maior influência sobre o fenômeno da síncope. Note-se que, se apagada a vogal em análise, essas consoantes apresentam alta probabilidade de reestruturação da sílaba, seja ocupando a posição de coda - como no único caso da consoante fricativa [s] -, ou a posição de ataque, como ocorre em vocábulos como “cócegas” e em “semáforo”. Portanto, constata-se que, em ambos os grupos essa possibilidade pode contribuir para a redução da estrutura proparoxítona.

Por fim, note-se que [s], como [t], são alveolares, mas é [s] que favorece a regra; [f] também muito a favorece. Assim, se olharmos os resultados estatísticos, parece que o que tem efeito sobre o fenômeno não é o ponto de articulação, mas o modo, pois os dois segmentos que mais favoreceram a regra são fricativos: [f] e [s]. Tanto é assim, que [b] também é labial como [f], mas não favorece a regra; ou seja, o que pesa é o traço contínuo, presentes nas fricativas. Podendo-se opor aqui: [+contínuo] *versus* [-contínuo].

Variável sexo

O grupo de fatores sexo foi a terceira e última variável a ser selecionada pelo *GoldVarbX*. Os resultados desse fator dizem que as mulheres usam mais a regra que os homens, como ilustra a *Tabela 4*.

Tabela 4 - Ocorrências de síncope por sexo

SEXO	APLICAÇÃO/TOTAL	PR	%
Feminino	12/61	0,58	19,7
Masculino	11/70	0,42	15,7

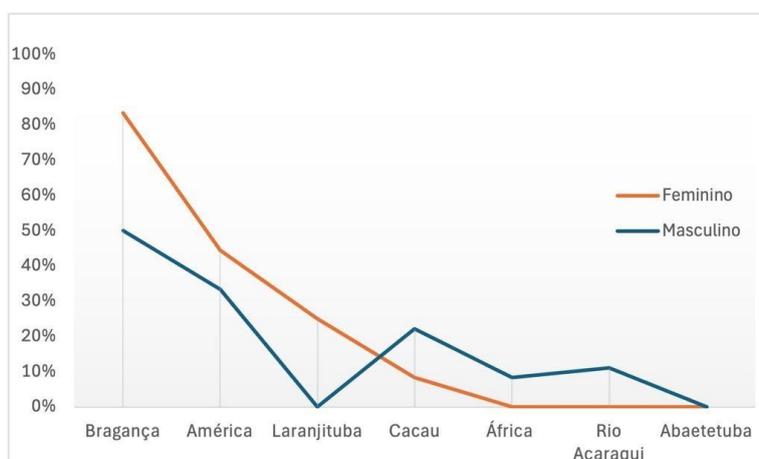
Fonte: produzido pelas autoras.

Conforme evidenciado na *Tabela 4*, as informantes do sexo feminino foram as que favoreceram a aplicação da regra, com um peso relativo de 0,58, embora as discrepâncias entre os resultados não sejam muito elevadas. Por outro lado, os informantes do sexo masculino não favoreceram a realização do fenômeno, obtendo um peso relativo igual a 0,42, ou seja, o resultado apresentado se encontra abaixo do ponto neutro indicando o desfavorecimento.

Esse resultado de favorecimento do sexo feminino vai de encontro à previsão variacionista tradicional, segundo a qual as mulheres preferem usar mais variantes de prestígio, como aponta Labov (1982). Como o fenômeno é caracterizado pelo desvio da norma padrão, as mulheres deveriam, em tese, inibir o seu uso, porém, neste estudo, é o sexo feminino que mais obteve ocorrências de síncope. Segundo Paiva (2003), os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão a todo momento sofrendo transformações. Scherre (1993) afirma que é relativo o comportamento linguístico das falantes do sexo feminino, pois não se dá de forma homogênea em todos os espaços, dependendo de como as relações sociais são definidas em uma comunidade.

No *Gráfico 4*, observa-se a distribuição das ocorrências de síncope de vogais postônicas não-finais, destacando a diferença de uso entre homens e mulheres. O gráfico evidencia em quais pontos de inquérito há mais proximidades e distanciamentos em relação ao uso nos dois sexos.

Gráfico 4 - Distribuição diasssexual de síncope das vogais postônicas não-finais nos pontos de inquérito



Fonte: produzido pelas autoras.

Enquanto as mulheres demonstraram maior frequência da síncope em Bragança, América e Laranjituba, os homens apresentaram uma taxa de síncope ligeiramente mais alta em Cacau, África e Rio Acaraqui. As maiores e menores discrepâncias de resultados entre homens e mulheres encontram-se em Bragança e em África, respectivamente.

Conclusão

O presente estudo abordou o fenômeno da síncope em estruturas proparoxítonas, a partir de dados de cinco comunidades tradicionais (quilombolas) e duas não tradicionais situadas na Mesorregião Nordeste do Estado do Pará. Os índices estatísticos revelam que a síncope é pouco produtiva na mesorregião investigada. Os grupos de fatores considerados relevantes para a aplicação da regra foram, por ordem de relevância: *a variável diatópica, contexto fonológico precedente e sexo*. Os grupos eliminados foram: *qualidade da vogal postônica não-final, contexto fonológico seguinte e faixa etária*.

No que diz respeito à variável diatópica, o município de Bragança e as comunidades quilombolas América e Cacau favorecem a aplicação da regra, indicando maior probabilidade de síncope no norte da Mesorregião Nordeste do Pará em comparação ao Oeste e ao Sul, onde há declínio das ocorrências. Os resultados nos levam a crer que a região Bragantina, mais antiga dentre as investigadas, tem efeito sobre o fenômeno, seja porque está mais próxima ao Nordeste Brasileiro, onde o fenômeno é ainda bastante produtivo, de acordo com levantamento bibliográfico realizado; seja por suas características sócio-históricas, como mencionado neste artigo.

Os resultados do grupo contexto fonológico precedente evidenciam que as consoantes fricativas [f] e [s] são as que mais influenciam a síncope das vogais postônicas não-finais, o que parece estar relacionado ao traço contínuo, bem como a possibilidades de reestruturação silábica que permite a formação de vocábulos aceitos na língua, e dentro do padrão acentual preferido na Língua Portuguesa. Quanto ao grupo diassexual, entre as mulheres há maior incidência do fenômeno em comparação aos homens, ou seja, há maior probabilidade de aplicação da regra no sexo feminino; um uso que vai de encontro ao que prevê Labov (1982).

Conclui-se, por fim, que fatores internos e externos influenciam significativamente o fenômeno da síncope, o que aponta a importância de se considerar

variáveis internas e externas nas investigações sobre o tema. Para uma compreensão mais abrangente do comportamento das vogais postônicas não-finais e sua recorrência em localidades específicas, são necessárias mais investigações, incluindo fatores sociais, como a escolaridade, que podem influenciar a aplicação da regra fonológica.

Referências

AMARAL, M. P. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda. BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-125.

ARAÚJO, A. A.; LOPES, G. H. V, a síncope das proparoxítonas no Atlas Linguístico do Pará: uma fotografia variacionista. *Revista (Con)textos Linguísticos (UFES)*, v. 08, p. 24-39, 2014.

CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010. COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CORDEIRO, I. M. C. C; ARBAGE, M. J. C; SCHWARTZ, G. *Nordeste do Pará: configuração atual e aspectos identitários*. 2017.

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

DIAS, M. P. *Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)*. Belém, 2017. Tese (Doutorado em Letras) – PPGL, UFPA.

GUY, G. R. Varbrul: análise avançada. In: GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Orgs.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1982.

LABOV, W. *Sociolinguistique*. Paris: Édition de Minuit, 1976.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. v. 17, p. 97-130, 2001.

MAGNO, A. P. T. *A redução das estruturas proparoxítonas a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Pará,

Belém, 2020.

OLIVEIRA, M. SÁ, E. Redução das proparoxítonas no Atlas Linguístico Quilombola de Moxotó-Ipanema de Pernambuco. In: SÁ, E. OLIVEIRA, M. SANCHES, R. (Orgs.). *Diversidade linguística em comunidades tradicionais*. São Paulo: Pontes Editores, 2018, p. 17-36.

PAIVA, M. da C. O percurso da monotongação de [ey]: observações em tempo real. In: PAIVA, M da C; DUARTE, M. E. (Org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa, FAPERJ, 2003.

QUEDNAU, L. R. A síncope e seus efeitos em latim e em português arcaico. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 79-97.

RAZKY, A. Atlas linguístico sonoro do Pará. Belém. 2004 - CD-ROM.

RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará. Abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. A. (Org). *A geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998, p. 72-89.

SCARAMAL, Junior; KRAEMER, Alessandro. *A influência da internet nas variações linguísticas*. In: XVII Congresso Argentino de Ciencias de la Computación. 2011.

SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

SILVA FILHO, E. B. *Uma descrição das proparoxítonas na variedade não padrão de Jabotão - PE*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/2010/dissertacoes/diss-Eraldo-Batista.pdf>>. Acesso em: 17 de nov. 2019.

SILVA, A. P. *Supressão da vogal postônica não final: uma tendência das proparoxítonas na Língua Portuguesa com evidências no falar sapeense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

Recebido em 20/07/2024

Aprovado em 09/09/202